

# Ponteiros de papel

Christina Ramalho

**poemas**

# Ponteiros de papel

Christina Ramalho



Natal, LucGraf Virtual

2020

**Título Original:** Ponteiros de papel, de Christina Ramalho

© Copyright 2020 by Christina Ramalho

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução desta obra em seu todo ou em partes, por qualquer meio, sem o consentimento da Autora.

Revisão, diagramação e imagens: Christina Ramalho

Ficha catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ramalho, Christina

Ponteiros de papel [livro eletrônico] / Christina Ramalho. -- 1. ed. -- Natal, RN : L S Comércio e Serviços, 2020.

PDF

ISBN 978-65-88011-03-4

1. Poesia brasileira I. Título.

20-46553

CDD-B869.1

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

## Índice

Em casa 1 – p. 8	
Em casa 2 – p. 9	
Em casa 3 – p. 10	
Em casa 4 – p. 11	
Em casa 5 – p. 12	
Em casa 6 – p. 13	
Em casa 7 – p. 14	
Em casa 8 – p. 15	
Em casa 9 – p. 17	
Em casa 10 – p. 18	
Em casa 11 – p. 19	
Em casa 12 – p. 20	
Em casa 13 – p. 21	
Em casa 14 – p. 23	
Em casa 15 – p. 24	
	Em casa 16 – p. 25
	Em casa 17 – p. 26
	Em casa 18 – p. 27
	Em casa 19 – p. 28
	Em casa 20 – p. 30
	Em casa 21 – p. 32
	Em casa 22 – p. 33
	Em casa 23 – p. 36
	Em casa 24 – p. 38
	Em casa 25 – p. 39
	Em casa 26 – p. 40
	Em casa 27 – p. 42
	Em casa 28 – p. 43
	Em casa 29 – p. 44
	Em casa 30 – p. 45

Em casa 31 – p. 47  
Em casa 32 – p. 48  
Em casa 33 – p. 50  
Em casa 34 – p. 51  
Em casa 35 – p. 53  
Em casa 36 – p. 54  
Em casa 37 – p. 55  
Em casa 38 – p. 56  
Em casa 39 – p. 57  
Em casa 40 – p. 58  
Em casa 41 – p. 59  
Em casa 42 – p. 60  
Em casa 43 – p. 61  
Em casa 44 – p. 63  
Em casa 45 – p. 64  
Em casa 46 – p. 65  
Em casa 47 – p. 66  
Em casa 48 – p. 67  
Em casa 49 – p. 70  
Em casa 50 – p. 71  
Em casa 51 – p. 72  
Em casa 52 – p. 73  
Em casa 53 – p. 74  
Em casa 54 – p. 76  
Em casa 55 – p. 78  
Em casa 56 – p. 79  
Em casa 57 Revolta – p. 82  
Em casa 58 – p. 83  
Em casa 59 Cisticídio – p. 86  
Em casa 60 Liberdade – p. 91

## Outros

Poema do amor maior — p. 93

Golpe — p. 98

Quando duas mulheres se amam — p. 101

Pau e pedra — p. 104

## Comentários de

Alexandre de Melo Andrade, Anélia Montechiari Pietrani, Annabela Rita, Cacá Vidal (Carlos Vidal), Christine Arndt de Santana, Eliene Farias da Silva, Éverton Santos, Fernando de Mendonça, Gigia Talarico, Homero Carvalho Oliva, Juliana dos Santos Santana, Manuel Brito-Semedo, Márcia Batista Ramos, Pedro Varoni, Priscila Branco, Simão Pedro dos Santos (Pedro Pernambuco), Vera Duarte e W. J. Solha — p. 106

Sobre a autora — p. 131



Em casa 1

poemas vigiam  
o sono do gato  
o segredo do quarto  
e a recusa do tempo  
de ser exato

a sesta  
no sábado  
tem ponteiros  
escassos  
e é  
mais que nunca  
guardião do cansaço.

28/03/2020





Em casa 2

tempo de vigiar  
a trilha das formiguinhas  
do alimento ao ninho  
e depois  
fazer de tudo metáfora  
dizer às pessoas  
que interrompam o caminho  
porque agora é inverno  
porque agora o que nos cabe  
é o útero do formigueiro  
a caverna iluminada  
pela luz do pensamento  
que faz renascer o mundo  
os doces e os espelhos

29/03/2020

Em casa 3

Tempo de descobrir  
ternurinhas...

aquelas  
mínimas  
(quase invisíveis)  
que cruzam os dias  
sem exigir  
qualquer coisa  
de nós.

Tempo de reinventar  
a palavra carinho  
de fazer cafuné  
nos fonemas  
e deixar que brotem  
poemas  
na linguagem  
do patapé.

30/03/2020

Em casa 4

sentir na pele  
a sina do cacto  
sempre aberto  
ao abraço  
e no entanto  
simultaneamente  
anti-abraço  
no espinho  
anti-ninho  
que repele  
pra não machucar  
mas ser cacto  
é também ser flor  
irrompendo  
gloriosa  
entre os espinhos  
o toque fere  
mas o olhar  
se alimenta  
do abraço valente  
que envolve a gente  
na metáfora de sua cor

31/03/2020



Em casa 5

pensamentos  
embaralhados  
em números nus  
vida em jogo  
sem cartas marcadas  
muitas regras  
e quase nada  
a se apostar  
no carteadado das horas  
somos  
como nunca  
reféns da sorte  
assustados  
com os uivos da morte

01/04/2020

Em casa 6

o pensamento  
derruba paredes  
reinventa viagens  
reinaugura memórias  
plasma imagens  
no coração das horas

espelho d'água  
convida ao nado  
em tempos turvos  
de tantos nadas  
e de lagos revisitados  
que correm  
como rios  
escrevendo a vida  
em silêncio.

02/04/2020

Em casa 7

quieta  
contemplo  
a arte líquida  
de águas anteriores:  
coisas ditas  
se desfazem  
em ondas mínimas  
canções verde-azuladas  
e desconhecidas  
sugerem sinfonias  
suaves sinestésias  
e paz  
tudo é infinito  
e fugaz  
nessa calmaria  
de formas ondeantes  
carregadas de antes  
tão mais belas  
agora  
no depois

03/04/2020

## Em casa 8

há quem saiba  
falar de amor  
em linguagem  
tão graciosa  
que sem palavras  
em verso ou prosa  
faz o querer  
parecer simples  
como uma horta  
que se cultiva  
no quintal  
amor que carrega  
na boca  
a esperança  
que nos vela  
o dia inteiro  
como se fôssemos  
a criança  
cuja mãe se ausentou  
amor que é canção  
no olhar atento  
de nosso Bombom

04/04/2020





Em casa 9

o mundo  
na ponta do lápis  
nas tramas do pincel  
nos sons  
nas palavras  
escritas no papel

o mundo  
que é o outro  
ou a outra  
em mim  
quando me liberto  
das paredes  
e mato todas as sedes  
que a arte tem

no casulo  
ando fazendo voar  
borboletas

05/04/2020

Em casa 10

colar  
um a um  
fragmentos  
da memória  
e compor  
com as contas  
- cheias de histórias -  
... um colar.

na voz plural  
da mesma palavra,  
a própria vida:  
ora jarro quebrado  
(com rachaduras disfarçadas)  
ora joia  
com mil cores  
exibida, celebrada

hoje  
no caos do mundo  
a vida precisa  
colar cacos  
de esperança

06/04/2020



Em casa 11

dorme a vida  
tão frágil  
esquecida até  
de ser vida  
calendário adiado  
ponteiros quase parados  
tudo em compasso  
de espera  
tudo medido  
em números  
curvas  
estatísticas  
projeções  
retratos frios  
de tristes amanhã

07/04/2020

Em casa 12

não há jogo  
nem cartas marcadas  
no baralho enviesado  
desta hora  
não há sequer vencedores  
perdemos todos  
nesta demora  
para entender  
que mais que sorte  
é preciso amor  
para vencer a morte

08/04/2020

Em casa 13

como entender  
a sede dos incêndios?  
as chamas  
com suas línguas  
inquietaas?  
o medo  
com suas bocas abertas?

como entender  
as coroas de fogo  
derretendo  
cabeças e tronos?  
como entender  
que o pó que fomos  
é o mesmo  
que ainda somos?

como sobreviver  
à fogueira das partículas  
que torna tão ridículas  
as ambições que cultivamos?

tempo de tantos comos  
e de pouquíssimas respostas  
tempo de mesas postas  
à indesejada das gentes  
tempo de um novo tempo  
que chegou de repente

09/04/2020



Em casa 14

19.638 casos

1.036 mortes

números de hoje

macabros números

que somos

há silêncio

explodindo

as vidraças de tédio

dos insensíveis

mas as pessoas

continuam invisíveis

novos números

a cada dia

na progressão geométrica

desta coisa tétrica

que se tornou viver

10/04/2020

Em casa 15 (Para Fernanda Santos)

hoje nasceu  
em tela  
uma flor  
cuja beleza  
anterior a qualquer tinta  
mescla o Tejo  
ao Amazonas  
multiplica literatura  
transborda sabedoria  
em afluentes delicados  
uma flor única  
como todas as flores  
que sabem muito bem  
o perfume que têm  
e seguem pela vida  
criando jardins

hoje  
na clausura deste abril  
uma orquídea  
de nome Fernanda  
me faz respirar  
liberdade  
no imaginário ar  
do Amapá  
de nossa linda amizade

11/04/2020

## Em casa 16



costurar o tempo  
ponto a ponto  
alinhavando dúvidas  
perfurando o tecido  
cosendo o medo  
da vida e da morte  
como se fizéssemos  
não nossa própria  
mortalha  
mas um vestido  
de estampa colorida  
que usaremos  
na saída  
do labirinto das horas

12/04/2020

Em casa 17

de repente  
paredes são nuvens  
que caminham suaves  
brincando  
com as curvas do vento  
o chão é feito de mato  
e chega ao olfato  
o perfume da terra livre

de repente  
o quarto é paisagem  
de horizonte infinito  
segredando  
emoções azuladas  
e verdes  
as cadeiras são árvores  
a mesa, um lago,  
e o pensamento,  
ah, o pensamento,  
um afago zeloso  
no coração em pânico  
um balsâmico  
um passaporte  
uma bússola  
com novo norte  
uma fuga  
para esquecer  
a morte

13/04/2020

Em casa 18

Quando amanhecer  
abrirei um sorriso largo  
desses que a gente abre  
quando a palavra alegria  
nasce criança  
no meio do dia  
sem a cerimônia  
dos protocolos da comédia.

Um sorriso desses  
que a gente larga  
nas varandas  
de emoções pequeninas  
nas quais debruçamos  
as surpresas meninas  
que saltam de nós  
e nos reinventam.

Um sorriso ancestral  
disfarçado de nada  
que faz ver na madrugada  
a antessala de um dia  
que brilha antes do sol  
trazendo no arrebol  
as cores da fantasia.

Um sorriso que serei eu  
como o eu  
que fui um dia.

14/04/2020



Em casa 19

a roda dentada  
de nossas dores  
que tantas vezes  
nos devora  
com sua boca infernal  
rasga-nos a carne  
embaralha pensamentos  
e parece que sempre  
vai vencer no final.

15/04/2020



Em casa 20

o pensamento  
em plena turbulência  
faz voos camicases

quer salvar a Terra  
mas a Terra  
esconde seu rosto  
envergonhada da violência  
que sofre  
(como costuma passar  
com mulheres abandonadas  
que choram solitárias  
as vidas violadas)

quer ser herói  
e transformar o mundo  
mas é somente  
um pensamento viajante  
debruçado na janela  
do avião da revolta  
quer o poder  
de revoluções ancestrais

mas é somente  
um pensamento enclausurado  
na máquina abstrata  
em que voa

pensamento  
menino pequeno  
querendo ter mãos de gigante  
para remodelar o barro  
e começar tudo outra vez

ou  
talvez

fazer a Terra  
ser também  
apenas um pensamento

um pensamento livre  
com asas infinitas  
dizendo adeus  
aos algozes seus

16/04/2020

Em casa 21

quando seus olhos  
amanhecem meu dia  
o que havia de sombra  
desaparece

é que seu olhar  
como uma prece  
reinventa minha fé  
na alegria  
traz mais  
que jornal  
pão  
e café  
faz o meu ser  
- sua mulher -  
esculpir no rosto  
um espelho de paciência  
e seguir o ritmo das coisas  
sejam como sejam  
venham como venham  
já que tenho seus olhos  
acordando a manhã  
a me dizer  
morenamente  
que qualquer quarentena  
será pequena  
pra quem leva o amor  
suavemente  
pelas curvas macias  
do infinito  
e nada pode  
ser mais bonito

18/04/2020

Em casa 22

lutamos  
verbo que esconde  
na mesma roupa  
passado e presente

verbo conjugado  
nas camisas  
que suamos  
caminhando  
esperançosos  
por avenidas de sonhos  
em asfalto de injustiça

verbo que apaga a preguiça  
e nos faz abrir as portas  
e as comportas  
das tantas veias  
que desenham o que somos

verbo que carregamos  
em bandeiras  
enlutadas  
olhando rostos cansados  
pedindo que continuemos

verbo que não sabemos  
(e nem queremos)  
esquecer  
por isso  
lutamos  
mal rompe a manhã  
as dores são muitas  
nós, tão poucos  
com nossos gritos roucos  
nossas bandeiras molhadas  
e as agendas adiadas  
até que nos olhos  
dos outros  
encontremos  
a paz.

19/04/2020



## Em casa 23

uma ponte  
não é  
uma metáfora qualquer  
nela cabem  
extremos da vida  
travessias necessárias  
travessias sem retorno  
cabem águas poluídas  
e também as transparentes  
cabem as pessoas ausentes  
que buscamos do outro lado  
cabem as violentas  
de quem buscamos fugir  
cabe o meio do caminho  
o não saber ficar ou ir  
cabe o medo do futuro  
e o passado indesejado

por ela trafega calado  
quem parte pra não voltar  
e quem volta da partida  
tentando se reencontrar  
na clausura faz-se abstrata

desejo de outros caminhos  
faz-se um chão de carinhos  
que nos leva  
a quem não tocamos  
elo abstrato  
(o único possível)  
com muitos que amamos

por isso  
por tudo isso  
uma ponte não é  
uma metáfora qualquer

20/04/2020

Em casa 24

quando a indesejada das gentes  
chegasse  
teríamos a mesa posta  
e todas as coisas  
em seu lugar

mas gentes indesejadas  
chegaram antes  
e romperam  
o lirismo das coisas  
cavaram covas  
repugnantes  
cuspiram brados  
ignorantes  
e trataram a vida  
como um baú de ossos  
como destroços contaminados  
sem tempo  
para campos lavrados  
e casas limpas

e a consoada foi outra  
não o jejum delicado  
a esperar pela última ceia  
mas a fome do vírus  
correndo na veia  
com parte da plateia  
ignorando a cruz  
aplaudindo a morte  
com mãos de pus

21/04/2020

Em casa 25

Até quando adiaremos  
o Jardim das Delícias?  
O que haverá nele  
que nos faz adia-lo tanto?  
Será o medo do desencanto  
com a perfeição que sonhamos?  
Será a capa de pecado  
com que vestimos todas as felicidades?  
Será nossa incapacidade  
de pensar fora da média?  
Ou será que somos feitos  
apenas de dor e tragédia?

22/04/2020

(O jardim das delícias, 1500-5, de Hieronymus Bosch)



Em casa 26

entre lanças e dragões  
tantos jorges sem espelhos  
força escondida  
em meio a receios  
e raízes de ignorância

entre lanças e dragões  
tantas batalhas ausentes  
oguns e oxóssis  
torturados (e calados)  
com celulares nas mãos

entre lanças e dragões  
silêncio das gentes  
e o mundo doente  
esperando milagres  
esperando jorges

(milagres andam guardados  
dentro de nós)

23/04/2020



Em casa 27

o carro de feno das coisas  
revela  
seus tridentes  
suas lanças  
e a ambição do "novo"  
(a ambição de novo)  
esfregando a mentira  
no rosto de um povo  
para quem o feno  
era só alimento  
hoje  
é desalento

24/04/2020

(O carro de feno, 1515, de Hieronymus Bosch)

Em casa 28

resta levar um sorriso  
pendurado no rosto  
disfarçar as esquinas  
da angústia e do medo  
sorrir como quem guarda  
um antigo segredo  
adormecido como as estátuas  
que enfeitam jardins

em tempos de nãoos  
buscar os sins  
ainda que pareçam  
não existir fora do flash  
inventor de esperanças  
ilusionista das redes sociais  
onde viver é selfie demais

25/04/2020



Em casa 29

deito na folha  
palavra por palavra  
a geometria inútil  
deste sentimento  
disfarces de metáforas  
símiles alegorias  
nada basta ou esconde  
a morte das cores  
na tela destes dias

abraço  
simbolicamente  
a respiração de cada verso  
e sinto o ar escasso  
do meu poema  
quase morrendo  
porque a poesia sabe  
da pneumonia dos ponteiros

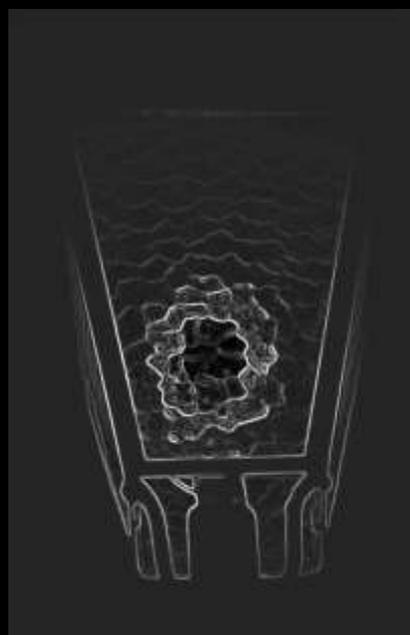
26/04/2020

Em casa 30

à noite  
o pensamento abafado  
pelo escudo do travesseiro  
veste-se de paradoxo  
e ausente de sono  
busca luz  
amarelando  
uma esperança  
pequenina  
que ilumina muito pouco

abajur  
arandela  
candeeiro  
castiçal  
celular  
estrela  
lampião  
lâmparina  
lanterna  
lua  
luminária  
spot  
vagalume  
ou mesmo uma vela  
nada há  
além daquela  
mínima luz amarela  
que apaga o sono  
e acende a tempestade  
porque  
à noite  
o pensamento acorda  
e fica remoendo  
as trevas do dia

27/04/2020



Em casa 31

quantas máscaras  
abstratas  
escondem o silêncio  
e a respiração  
do tempo  
pedindo carona  
na beira da estrada?

28/04/2020

Em casa 32

um baile de máscaras  
sem carnaval  
desfila dor  
nos supermercados  
nas quitandas  
nas varandas  
nos hospitais  
muitas faces  
sem espelhos  
vendo o enredo  
de suas vidas  
atravessando  
sem fantasia  
a avenida  
do medo

29/04/2020





Em casa 33

em tempo de esmola  
a ser barganhada  
com a moeda vida  
a fila escancara  
às nossas retinas  
a régua que mede  
as ordens do dia:  
que uns se recolham  
e que os outros morram

30/04/2020

## Em casa 34

tempo de buscar Quixote  
de rodar as pás  
do moinho coração  
de enfrentar gigantes  
(aqueles mesmos  
que antes  
se diziam arautos  
de uma nova nação)  
de gritar  
aos quatros cantos  
todos os prantos  
de quem morre  
sem chance de luta  
tempo de lavrar  
a terra do sonho  
(mesmo o mais remoto  
que a dor enluta)  
de ouvir a voz de Sancho  
e no entanto  
seduzi-lo às batalhas  
quase perdidas  
porque é tempo de ação  
tempo de apagar  
os garranchos  
que nos são impostos  
como constituição  
hora da armadura

ainda que abstrata  
que bane a amargura  
que derruba a colunata  
do ódio e do nada

tempo de buscar Quixotes  
todos  
os possíveis  
os impossíveis  
os velhos  
e os novos  
só com eles  
moinhos voltarão ser moinhos  
e em lugar de trevas  
veremos caminhos

01/05/2020





Em casa 36

na cabeça  
do fósforo  
o aviso:  
não há mais fogo  
nem Prometeu  
o mundo  
morreu

03/05/2020



Em casa 37

a dois centímetros  
de mim  
o stop  
mas nada  
nada me move

fico parada  
na demora  
que há  
entre o ser  
e o estar

04/05/2020



Em casa 38

do outro lado  
da tela  
do outro lado  
do mundo  
tantas vozes  
tantas faces  
e tudo mudo  
na rima interna  
de um espelho  
sem fundo

05/05/2020

Em casa 39

aluga-se  
uma janela interna  
de onde se vê  
a paisagem ínfima  
íntima  
de uma terra  
devastada  
plantada  
de fogueiras  
e de árvores  
mutiladas

06/05/2020



Em casa 40

as estatísticas  
em ponto de cruz  
lançam seus bordados  
como enfeites  
nos aparadores  
das memórias do porvir

estarão elas  
mesmo  
um dia  
por aqui?

07/05/2020



Em casa 41

minha sorte  
é um teto  
algumas paredes  
alimentos nos armários  
muita água  
para minhas sedes

minha morte  
é tudo isso  
lanhando a carne  
da consciência.

08/05/2020

Em casa 42

balões de gás  
colorem a noite:  
são almas em néon  
se despedindo  
o futuro hoje  
é um céu  
de balões sumindo

09/05/2020

Em casa 43

a vida  
quadro de compromissos  
sempre adiados  
anda devorando relógios  
e arrotando ponteiros  
de papel

10/05/2020





Em casa 44

mais que nunca  
incansavelmente  
lembrar que somos  
apenas rabiscos  
pó de giz  
na boca do vento  
flagrando a certeza  
do desenho inútil  
sem pele  
para tatuagens

11/05/2020

Em casa 45

demora-se  
no poro da pele  
o nascimento do sonho  
a prenhez  
desta vez  
conta os meses  
às avessas

12/05/2020

Em casa 46

Está decretado:  
depois dos 60  
morrer é até  
gesto delicado  
ajuda o sistema  
poupa a economia  
evita os protocolos  
da aposentadoria  
faz bem ao amor  
cessando obrigações  
provas de afeto  
e cansaço

13/05/2020

Em casa 47

comorbidades?  
idosidades?  
procurem-nas em seus cus  
filhotes de belzebus

jornais, estatísticas  
e vermes (vestidos de gente)  
que sublinham idades  
e doenças existentes  
criando pretextos  
para a morte  
não têm a voz  
da minha sensibilidade  
são carne podre  
na boca de abutres  
são fio de esgoto  
pingando  
nos ponteiros do dia  
são a pústula infame  
na pele esgarçada  
de quem muito fala  
e não sente nada

14/05/2020

## Em casa 48

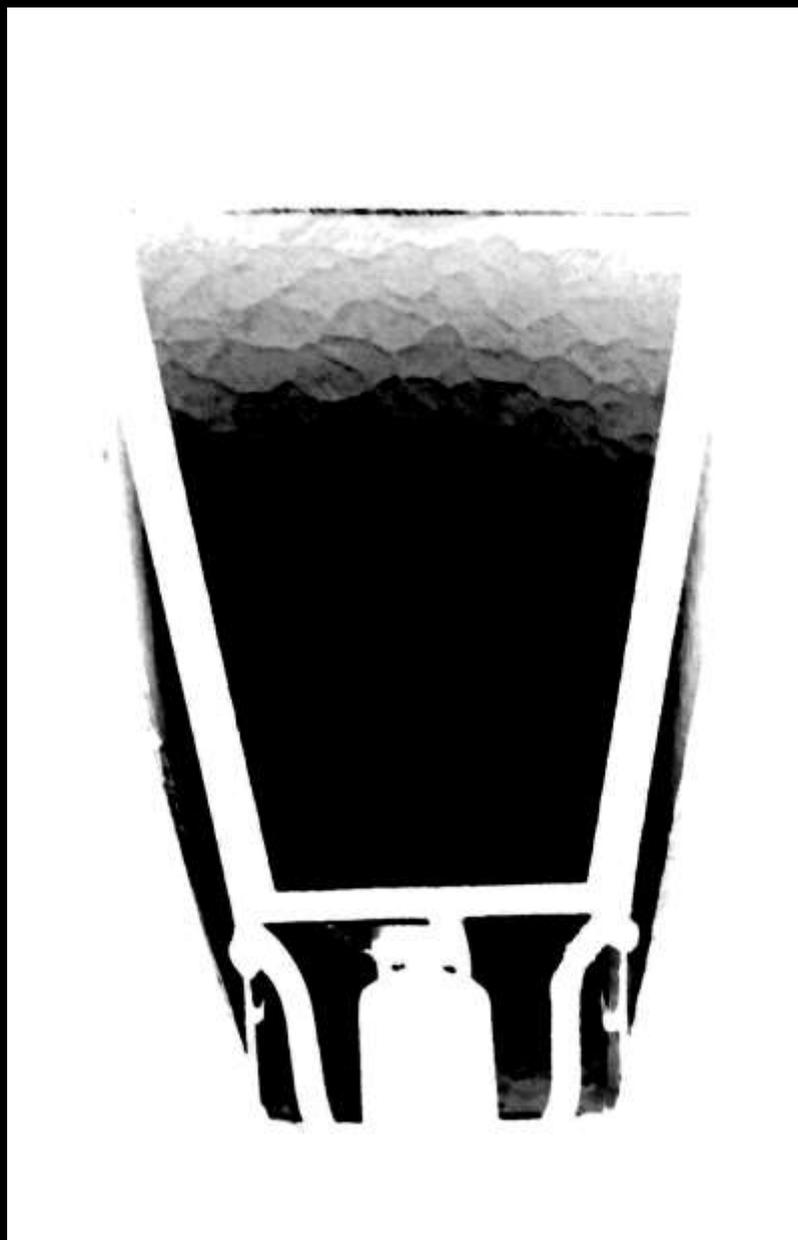
e a doença infame  
leva um afeto  
leva uma voz  
que me era cara  
uma mulher rara  
em cujas veias  
corriam rios do norte  
mulher forte  
tantas vezes  
alimentando-se  
da solidão das palavras  
enquanto sonhava outras casas  
e talvez outro destino

poeta do Grão-Pará  
dos versos japoneses  
poeta que tantas vezes  
abraçou este país  
esplêndido berço  
em que tecia suas horas  
demorando-se  
na "linha d'água"  
de uma pele  
feita de arrepios  
no selvagem repertório  
de sua ousadia

a Savary  
que eu queria aqui  
ouvindo  
o pulsar lento  
quase silente  
deste coração  
onde ela mora  
ontem, hoje, depois  
tempo presente  
sempre

15/05/2020





Em casa 49

eu tenho mãe  
tenho pai  
tenho tios e tias  
amigas  
amigos  
e também gente  
que sequer conheço  
mas que por ser gente  
tem na pele  
como eu  
a tatuagem do tempo  
e envelhecemos juntos

eu tenho  
amor  
sem réguas  
sem medidas  
sem concessão  
a nenhum sofrimento  
a quem quer que seja  
a dor do mundo  
dói em mim  
que também sou mundo  
na metonímia dos seres

15/05/2020

Em casa 50

houve um passado  
mas ninguém o ouve  
o hoje  
em sombras  
fez do ontem  
um rascunho rasurado  
cheio de textos borrados  
isento de pressa

17/05/2020

Em casa 51

som de violino  
flutua  
mas a rua  
armada até os dentes  
cola os ouvidos  
no som das guerras

18/05/2020



Em casa 52

a morte  
vestida de número  
encena  
absoluta  
a tragédia  
não haverá aplausos  
não haverá mãos  
somos reféns  
de um roteiro de mãos.

19/05/2020

Em casa 53

não basta ser João  
nem Pedro  
porque no Brasil  
amor cristão  
é falácia infame  
é violência sem nome  
fome  
crueldade  
genocídio

a felicidade  
pobre e negra  
fuzilada  
na sala  
nas vielas  
nas veias  
das "favelas"  
efêmera  
tomba  
nas tumbas  
do silêncio  
tão branco  
tão imundo

meu grito de dor  
some  
no asfalto  
da desigualdade  
e eu fico só  
remoendo minha vergonha  
de ter tatuada na pele  
a cor desgraçada  
da opressão  
e eu fico só  
desenhando o rosto de João  
abraçando as lágrimas dos seus  
com vontade de cortar  
as minhas mãos  
e perguntar a Deus:  
Quando  
finalmente  
o Amor  
vencerá?

20/05/2020



## Em casa 54

a morte é um abismo?  
a consciência do nada?  
um caminho tortuoso  
para outra estrada?  
uma doença da vida?  
um selo de qualidade?  
oceano visto da praia?  
deserto bebendo água?  
é o sopro do vazio?  
a revelação da alma?  
ou um punhado de ossos  
tratado como história?  
é a morte a memória  
perdida quando se nasce?  
é um Deus misterioso  
revelando sua face?  
uma corte da justiça?  
último acerto de contas?  
um duelo? uma derrota?  
o medo batendo na porta?  
por que sempre chega cedo?  
por que não se cala  
e vai embora?  
por que tem que doer tanto?  
por que nos deteriora?  
que respostas traz a morte?  
com que palavras se veste?  
ou tudo que fala é silêncio?

é uma grande tempestade  
toda enfeitada de ventos?  
ou sinfonia de anjos  
anunciando uma festa?  
será ode triunfal?  
um poema pastoril?  
a cena final  
da tragédia  
que, afinal, é viver?  
ou uma grande comédia  
que nos fará rir ao morrer?  
ironia de um paraíso  
que se rejeita e se quer?

eu sei  
respostas há muitas  
e por serem tantas  
são nenhuma

21/05/2020



Em casa 55

neste Nordeste  
de tanta neve  
tanto deboche  
e tanto medo  
desde cedo  
nenhuma palavra  
nenhum gesto  
ou coisa que valha  
agasalha  
o sentimento de frio  
a dor deste vazio  
que se espalha  
O Brasil foi um país.  
Hoje é uma mortalha.

10/06/2020

## Em casa 56

minha palavra,  
cada sílaba,  
lamberá o solo do papel  
fazendo escorrer em suas calhas  
a chuva escondida do meu céu.

a língua  
debruçada em sua sede  
antiga sede  
de tréguas e ensaios  
saltará no precipício  
das i

d

e

i

a

s

sendo língua e ave  
língua e nuvem  
língua e voz  
vulcão  
assustado  
com a própria lava.

voo

kamikaze

quase silêncio

tocando a aspereza

da vida

com a harpa do dizer

simplesmente porque  
a gaiola da garganta  
não suporta  
ser cela  
onde há asas  
e mistérios  
precisando viver.  
de renda  
espuma  
e tristeza  
bordarei  
agudos e graves  
na mesma sublime aventura  
de existir além do tempo  
em cada partícula  
em cada sutura  
do sentimento  
que foge  
das cerdas invisíveis dos tambores  
para ser pele  
revestindo  
bat(o)cando  
o êxtase  
da beleza  
nua.

(15/07/2020)

Revolta

Preciso escrever um poema  
sobre a revolta.  
Mas não uma  
que me nasça das carnes,  
parindo a profecia  
que nasce, cresce e me mata.  
Não o substantivo abstrato  
que brinca de ser palavra,  
mas que é pura agonia  
nas frestas do pensamento.  
Preciso da revolta concreta  
plasmada no tempo exato  
em que se rompem  
as cangalhas da indignação  
em nome de algo  
que no humano mais não há.

Porém, como estas mãos  
que só flores  
sempre somente souberam  
plantar  
poderão moldar a argila  
desta revolta ainda íntima  
que escorre como o sangue  
de uma ferida acesa?

Como virar a mesa  
em um jogo de dados viciados?  
Como escrever  
com consoantes e vogais  
o que escapa da palavra  
porque não cabe no tempo?  
Como soletrar este sentimento  
de não saber  
a linguagem das armas,  
de não conhecer senão  
o caminho das asas  
que trafegam nos rios  
da imaginação?

Preciso escrever um poema  
sobre a revolta  
e com ele apagar  
paisagens de escombros  
e sepulturas,  
mas talvez  
a esta altura  
esteja eu mesma sepultada  
no cemitério oculto  
da própria  
revolta.

25/07/2020

Em casa 58

quantas  
inexistentes moedas  
escorreram translúcidas  
por meus dedos  
enquanto  
a *Virgen de las visiones*  
de Lázaro García  
imprimia novo olhar  
em minha face  
libertando-me de todas as cifras  
inundando-me de sonhos  
até as vísceras?

quantas  
ausentes cédulas  
derramaram valores  
pelo chão dos bolsos  
enquanto  
*La verdadera historia universal*  
de Carlos Alberto Estévez  
encenava outra vida  
na madeira  
de meus pensamentos  
arrancando-me da monotonia  
dos silenciamentos?

quantas  
faturas vazias  
desaconteceram  
nas vias dos pagamentos  
enquanto o  
*Bombardeo del 15 de abril*  
de Cabrera Moreno  
me levava ao Guernica  
na aeronave  
dos sentidos  
desgarrando-me  
das etiquetas dos vestidos?

quantas e quantas  
moedas, cédulas e faturas  
são desinventadas  
pela poeira quântica da beleza  
que transborda  
sem códigos de barras  
por avenidas despidas de letreiros  
nas quais o neon  
apagou o dinheiro  
desconcertou o desconserto  
e fez brilhar unicamente  
a chama infinda da invenção?

porém  
quanta  
arte quântica  
plasmada  
na microscopia  
que a vida tem  
anda nestes dias  
refém  
do abissal ruído  
que morte  
anda fazendo  
nos campos de marte?

de resistir  
até quando  
será capaz  
a arte?

30/07/2020

(Imagens citadas: Museu de Belas Artes de  
Havana, edifício de Arte Cubana)

Em casa 59

Cristicídio

a palavra Cristo  
está na boca do mundo  
a palavra Cristo  
está na boca do imundo  
salta das salivas  
com o sabor de sangue  
do ódio em comitiva  
da religião-gangue  
que vende Jesus Cristo  
como souvenir  
e cria outra cruz  
para ele carregar

a palavra santa  
em hálito fanático  
nega o próprio Cristo  
e o mata todos os dias  
nas balas perdidas & achadas  
na diferença navalhada  
nas meninas violadas  
tratadas como cadelas no cio  
na ofensa sem limites  
cobrindo de fel as águas do rio  
cantando em festas

enquanto nas florestas  
povos morrem  
sem poder gritar

a palavra pura  
em boca maculada  
fere o coração sagrado  
citando provérbios  
e parábolas  
enquanto cospe no chão  
enojada com os moços  
que amam outros moços  
impondo voz de morte  
a quem não teve a sorte  
de viver em paz  
falsa palavra  
que nada sabe de Cristo  
que nada sabe de nada  
que só vale para ser escarrada  
palavra sem asas  
que rasteja no chão

diante do Cristicídio  
da ode ao genocídio  
da agonia horrenda  
do sentido infinito do Amor  
diante de mãos vestidas de armas  
de beáticas faces de horror  
fico com o Jesus menino de Caeiro

peço licença e brinco com os dois  
para reaprender sorrisos e flores  
e esquecer o assassinato sem pudores  
do Cristo usurpado  
pelos arautos de Satanás  
que meu ser não suporta mais

compadecido de meu tormento  
Jesusinho me dá a mão  
por um momento me olha  
e sussurra em meu ouvido  
sua imortalidade  
diz que as lágrimas que eu choro  
hão de regar outros tempos  
hão de levar como o vento  
a gente que matou Cristo  
que o traiu mais uma vez  
dito isso me apaziguo  
porque agora  
tal como em Caeiro  
ele habita onde vivo  
mas sei que está ali  
dando também a mão  
a tudo que existe  
ainda que parte desse tudo  
seja a que insiste  
em matar Cristo e o Amor

fecho os olhos ainda triste  
pelo Cristo que morreu  
no coração dessa escória  
que apaga nossa história  
e o crucifica novamente

mas aquele menininho  
cuja força não se mede  
conhece a mágica divina  
resgata em mim a menina  
e eu consigo dormir.

18/08/2020



Em casa 6o

Liberdade

palavra tão cara

ave rara

asa com penas

de rebelião

31/08/2020

**Outros**

## Poema do amor maior

Para Gilvan Costa Santana

Maior:  
pequena palavra  
que não lava  
com precisão  
a terra fértil  
infinita intensa  
que se chama  
coração.

Palavra revestida  
de implícita medida  
ao que não se mede  
ao que sempre excede  
lotes quadras tarefas  
chácaras sítios fazendas  
todos os hectares  
de um solo de malabares  
sem fronteiras  
que derretem altares  
e geleiras.

Tímido morfema  
descuidado  
que pensa expressar  
a amplitude  
mas que não toca

a magnitude  
do que existe além  
da palavra  
do que é sementeira  
e também colheita  
sem enxadas pás  
ou cavadeiras.

Maior  
que é o menor  
dos sememas  
adjetivo parco  
inútil barema  
que engana os olhos  
mas não o olhar  
palavra pouca  
para o verbo amar  
quando quem se ama  
está lá  
na terra  
onde o raio de sol  
está de mãos dadas  
com a noite  
onde o azul  
é mais colorido  
debaixo e acima da água  
onde existir  
é pura atemporalidade  
isenta  
de medições.

Amor, assim,  
não se qualifica  
é côncavo e convexo  
é chuva que lança  
a areia do Saara  
é prato que se trança  
com o sorriso  
que não para  
é novena de Dona Canô  
o Olodum no Pelô  
as fitas todas do Cacumbi  
força que mescla o lá e o aqui  
mais que país  
planeta galáxia universo  
sentimento que viola  
a estética do verso  
com suas métricas rimas  
e silêncios.

Amor maior  
portanto não há  
e se houvesse  
ainda assim  
em um poema  
não caberia.

Amor apenas  
porque com menos fonemas  
fica mais próximo  
de Deus.

Amor apenas  
brilhando solto  
nos olhos sábios  
de um filho  
que vive um tempo  
de adeus  
sabendo  
que o adeus  
não existe  
que é somente  
um ponteiro  
que ainda insiste  
em medir  
a iniludível consoada  
que ainda insiste  
em dividir  
a vida e a morte  
como o tudo e o nada.

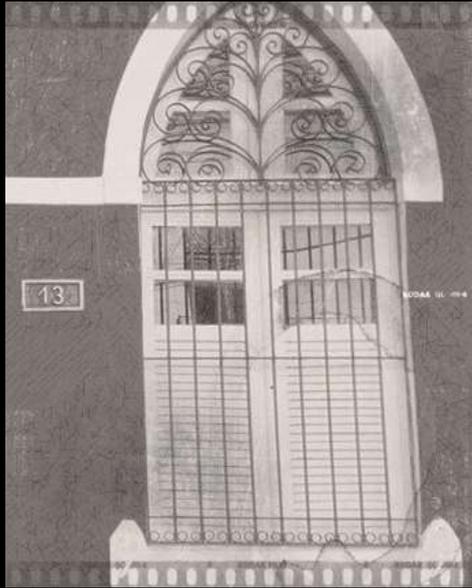
Amor apenas  
e sem penas  
mesmo na lágrima que cai.

Amor apenas  
e tão plenamente  
que ama até a dor  
que se sente  
quando a mãe  
matéria presente  
pede passagem e se vai.

Amor apenas  
na terra e no céu  
dos corações.  
Amor que  
colhe frutos infinitos  
das maternais plantações.

Amor apenas  
e tão bonito  
que faz a mãe  
viver no filho  
fazendo ver  
que ele é mesmo assim  
uma história sem fim  
força que consagra o sim  
quando o mundo parece  
(o simulacro das coisas)  
dizer não.

Christina Ramalho  
13/11/2019



## Golpe

no fim do teatro  
o verdadeiro espetáculo:  
marionetes & pinóquios  
de repente gentes  
em torrentes  
de vozes  
preces  
elogios  
odes  
pressa  
na ressa  
de palavras  
verde-amarelamente  
manchetes

dos diários  
publicamente  
secretos  
decretando  
a hora do fim

no fim do teatro  
nem cortina de fumaça  
tudo é claro  
e raro  
no êxtase  
da corja  
que forja em nome de Deus  
que rosna aos entes seus  
a alegria sórdida  
da trama urdida  
da mentira concedida  
no pacto do adeus  
nos dois esses  
de justissa  
na ceia de uma missa  
por Judas presidida  
pantomima  
tragédia  
crime

adeus, querida, adeus  
vá agora  
vá embora  
levando  
nos braços seus  
os votos  
a democracia  
os sonhos de um país  
finalmente cortados  
pela raiz  
(assim dizia a voz  
da confraria de imbecis)

sem mais  
portas fechadas  
mulheres de mãos dadas  
feridas sem cicatriz  
sangrando  
os fonemas  
e as algemas  
do golpe.

Quando duas mulheres se amam

Para muitas amigas que amo

quando duas mulheres se amam  
brotam pétalas no ar  
uma rosa vai se compondo  
entre nuvens e melodias  
como se noites e dias  
escrevessem sua canção  
em desenhos de seda, renda  
e algodão  
suaves rosas multiplicadas  
criam jardins  
plantam perfumes  
bordam com formas e volumes  
cúmplice espelho de coragens  
por onde escorrem  
como rios  
fortes arrepios  
águas fartas  
e belezas inexatas  
por isso mesmo  
tão belas  
quando duas mulheres se amam  
(pessoas debruçadas em fontes  
esculpindo os próprios horizontes  
em pedras feitas de sins)  
o ódio fica lá fora

olhos de sentença vão embora  
e ficam no livro da vida  
o pacto  
a escrita  
a luta  
a luz  
o laço  
a cor mais púrpura  
do abraço  
e esse motivo  
tão simples  
que se chama  
amor

03/10/20



## Pau e pedra

Jamais foi tão precisa  
a metáfora da pedra  
e a força  
que dela medra  
e nos arranca do cais.

Não é hora de acenos  
de lenços úmidos  
e olhares avermelhados.

Vermelho, sim,  
deve ser o barco  
lançado às tormentas.

Vermelhas, sim,  
as placentas  
que rompemos para nascer.

Vermelha, enfim,  
a celebração civil  
desta terra pau-brasil.

Jamais foi tão precisa  
a metáfora da pedra  
e a força  
que dela medra  
para dizermos "não mais".

Sejamos, pois,  
pau e pedra,  
passo e ponte,  
sapo e rã,  
antes que seja tarde  
para a palavra "amanhã".

## Comentários

A poesia, ainda que dotada de profunda inspiração nas questões universais, no espírito coletivo, não se descola da experiência cotidiana e da realidade próxima; o poeta parte de suas perspectivas individuais, do seu modo particular de sentir a existência, para engendrar a rede metafórica por onde sua subjetividade se comunica com o mundo e é por ele impactado. A poesia de Christina Ramalho, nestes *Ponteiros de papel*, é fecunda nessa relação entre o eu e o mundo.

O título dos poemas, reiterado ao longo da obra (“Em casa”), traz o tema do recolhimento no interior da própria casa, mas não dizemos “casa” apenas no sentido físico, mas também na sua acepção figurada, designando o isolamento na sua própria subjetividade, na sua casa íntima, captando seus movimentos interiores. Também podemos atribuir o sentido de “casa” à significação da própria poesia – corpo que abriga as ruminações da poeta, pois, no seu próprio dizer, é tempo de “fazer de tudo metáfora”, já que “agora é inverno”. Diante disso, ganham contorno os objetos próximos, o silêncio (onde é gestado o dizer poético), as ternurinhas cotidianas, as observações aflitas do modo como a vida se dá.

Importa também dizer que a “casa”, aqui, contrasta com o caos do mundo fora dela. A poeta tem o controle do que compõe, fundando seu mundo na teia poética, ao passo que o mundo – que limita nosso poder de ação e sobre o qual não temos controle – é de aridez, de cacos a serem colados, sem expectativa de “amanhãs”, de ausência de respostas.

O eu-poético, na obra, aparece como ressonância organizada dos desajustes do mundo, tentativa de elaboração da experiência pessoal diante da falta de sentido na realidade empírica. Claramente os poemas estabelecem um vínculo com a pandemia que assola a humanidade no ano de 2020, com seu crescente

número de ocorrências e mortes. Viver essa/nessa realidade se tornou uma “coisa tétrica”. A distribuição dos poemas em datas ininterruptas atesta o peso dos dias, o olhar que acompanha o mundo, sabendo que o perde não apenas para um vírus devastador, mas para a incompreensão, a ausência de valores humanos fundamentais, a escassez de compaixão, o uso da religião como mercadoria e poder, a presença de “gentes indesejadas”... tempo onde a própria Terra esconde seu rosto.

Poderá a arte ainda resistir? Que pode a poesia num contexto que lhe é tão avesso? Ainda que o cenário captado pelo olhar de Christina Ramalho seja de profunda desolação física, moral e espiritual, sua poesia também abre uma fresta, ainda que ínfima, por onde se observa o tempo de buscar os sins dentro dos não, a arte dentro dos muros, a esperança dentro da noite, o amor dentro da morte.

### **Alexandre de Melo Andrade**

Professor da Universidade Federal de Sergipe



O livro de Christina Ramalho me chega aos olhos nestes dias em que quero riscar 2020. Em uma das últimas páginas, lá está o ano, em corte transversal, fazendo minha visão – do real, da imaginação, da memória – tornar a cada casa em sua apenas janela como um olho aberto ao mundo sem olhos. Estávamos em nossas casas, em nossos eus, com nossos Bombons no início do livro, porque víamos ainda um fio de luz, e a poeta do livro fazia voar borboletas. No caminhar de nossos olhos pelas frestas das páginas, porém, o ponteiro no papel mostrou que o tempo é ainda de peste, carência, barbárie, golpe, pus, gente pústula. Não renascemos, pinta

Hieronymus Bosch, como depois Picasso, e depois Cabrera Moreno, porque a maldita história se repete como tragédia e como farsa. E tudo foi tão bem encenado, que os que comem feno e lutam por ele riram dos ombros carregando anhos e cruzes. Até a poeta amiga da poeta do livro se foi. Para que serve essa gente com mais de 60 anos, afinal? Era o que eles pensavam e, fingindo amar a Cristo e falar em Seu nome, cumpriram decididos seu cristicídio. Eu tomei da autora de *Ponteiros de papel* as palavras e os quadros. Para pensar Eliot e a terra devastada, preciso ainda copiar o horror em poesia por Christina Ramalho: “O Brasil foi um país./ Hoje é uma mortalha”.

### **Anélia Montechiari Pietrani**

Professora Associada de Literatura Brasileira - UFRJ

Coordenadora do NIELM - UFRJ/CNPq



### **“Livro da Vida” em *chiaroscuro***

*Putto* (do lat. *putus* ou do italiano *puttus*, menino), evocando o infantil Cupido, simboliza o amor e a pureza. Aqui, porém, a infância surge do esboço à perfeição escultórica deteriorada pelo tempo que o relógio, ao lado, marca, inexorável. Desde 28/03/2020 até 03/10/20, num “livro da vida” de Christina Bielinski Ramalho gerado pelos “Ponteiros de Papel” que o intitulam.

Esse ciclo percorrido pelos “Ponteiros de papel” é marcado pela pandemia, dominado por ela, como sinalizam os “números macabros” que diariamente desfilam banalizando a morte, o horror (“19.638 casos / 1.036 mortes”), o terror (“no carteadado das horas / somos / como nunca/ reféns da sorte/ assustados / com os uivos da morte”).

Ao fundo, o negro domina: a inscrição a branco, verbo ou desenho, é resistência, traço de luz iluminando as sombras da morte e da loucura. E há apenas alguns *flashes* na escuridão: o olhar como “prece” dos olhos que “amanhecem meu dia”, a “orquídea/ de nome Fernanda [Santos]”, cuja beleza “mescla o Tejo ao Amazonas”...

A poesia e o desenho dançam no escuro, única forma de sobrevivência: “faze[ndo] de tudo metáfora”, “reinventa[ndo]”. “reinaugura[ndo]”, “plasma[ando]/ imagens/ no coração das horas”. O pensamento “derruba” os obstáculos, buscando no “espelho d’água” *o poder do mito* (Joseph Campbell) que vibra em Hieronymus Bosch (*O carro de feno*, 1515), Cervantes (os moinhos de D. Quixote), S. Jorge e o Dragão... até à pintura mágica de rupestre gruta (Lascaux ou outra), às origens da humanidade.

Por fim, com o número fatídico (13) consagrado em porta, fecham-se as cortinas da boca de cena, dando lugar ao verdadeiro *teatro do mundo*: o vermelho sangue espirra do/no negro, insinuando um novo começo no ‘rebentar da placenta’. Em 60 casas e no espectáculo de antes e do depois. Com dor, mas com amor também. Celebratório da vida do “pau-brasil”. *Chiaroscuro*, como a Arte e a Vida, a *ArteVida* registada pelos *Ponteiros de papel* de Christina Bielinski Ramalho. Em partilha. Acolhamo-la, lendo-os.

**Annabela Rita**

Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras - CLEPUL



Esta semana foi especial para mim. Ao ler e reler essa espetacular obra *Ponteiros de papel*, pude refletir profundamente a respeito do tempo, do amor, da sutileza e da beleza das pequenas coisas, da esperança e ao mesmo da revolta, da desesperança e das angústias e injustiças que estamos vivenciando em nosso país. Christina Ramalho nos remete a uma profusão de sentimentos e possui uma incrível capacidade de transitar do lirismo para a crítica social orgânica. Retrata o amor e a natureza em suas múltiplas formas com tremenda delicadeza e sensibilidade, ao mesmo tempo em que apresenta uma linguagem forte, crítica, filosófica e reflexiva a respeito da vida. Seus poemas nos levam para um outro estágio de consciência, criando melodias, ritmos e harmonias de forma natural, pois sua poesia se funde com a música de forma harmoniosa. Desejo manter para sempre nossas parcerias musicais, sua sensibilidade é rara. Grande Abraço! Sucesso e que venham mais poemas, livros e canções!!!

### **Cacá Vidal (Carlos Vidal)**

Doutor em Engenharia Civil, professor universitário e músico



Estes tempos de quarentena, que já se alongam mais do que a nossa medida pôde prever, permitiram-nos verificar aquilo que é necessário e, por isso mesmo essencial para a nossa existência: o cuidado que devemos ter conosco e com os outros, nossos conhecidos ou não; a atenção voltada às coisas simples, de uma “trilha de formigas” ao “cochilo de um gato”; os “afetos”,

“ternurinhas” e carinhos dos próximos próximos e dos próximos remotos, distantes fisicamente e pertos pelas telas que viraram janelas para se ver o mundo. Aprendemos, também, que números não são frios e muito menos exatos. Aprendemos, na pele e na alma, que a poesia, como disse Horácio, é doce e útil... e que “amores salvam quarentenas”. E, infelizmente, aprendemos que “a régua que mede as ordens do dia” define quem vive e quem morre. Nesse nosso tempo de pandemia, sentimos a importância de “buscar Quixote”. Verificamos que quando “gentes indesejadas chegaram antes e romperam o lirismo das coisas” e fizeram do Brasil uma mortalha, como outrora cantou Castro Alves, a pergunta “de resistir até quando será capaz a arte?” se tornou necessária e eu ensaio uma resposta: enquanto tivermos *Ponteiros de papel* a poesia resistirá... e a lírica de Christina Ramalho nos ajudará a existir e, sobretudo, resistir!

### **Christine Arndt de Santana**

Professora do Curso de Teatro da Universidade Federal de Sergipe



“Costurar o tempo / ponto a ponto / alinhavando dúvidas / perfurando o tecido / cosendo o medo / da vida e da morte” são metáforas utilizadas por Christina Ramalho para concretizar sua poesia. Inserida entre as poetisas da contemporaneidade, Christina Ramalho, em *Ponteiros de Papel*, faz do cenário vivenciado mundialmente seu motivo poético. O contexto de incerteza, marcado por um tempo de angústia e medo da morte vivido pela humanidade em 2020, é explorado, desvendado e metaforizado em muitos de seus poemas. Desde a capa de *Ponteiros de Papel*, a temática dos poemas e as imagens de algumas páginas, é possível

perceber como a estudiosa da poesia lírica externou os sessenta dias (talvez os mais difíceis) vividos por homens, mulheres e até mesmo crianças confinados em razão da pandemia. Sem esquecer do jogo de cores claro-escuro trabalhado pela escritora, pois ele muito revela. Nesse jogo de cores, o luto e a dor do mundo são o papel de fundo em contraste com a luz das palavras, simbolizando o que o fazer poético pode proporcionar. O ponteiro das horas, dos minutos e dos segundos angustiados pela quarentena são transpostos para o papel, como um meio de apagar as paisagens de escombros e sepulturas como revelado pela escritora no poema *Em casa* 57. Assim, são nas teias da criação poética que a escritora encontra um afago, uma fuga para esquecer a morte.

### **Eliene Farias da Silva**

Mestranda em Estudos Literários – Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS



### **Pontuando pontiagudos ponteiros**

Esta coletânea é composta de poemas que vigiam o tempo, criam a percepção do tempo, convidam a pensar o tempo, tornam-se tempo na escrita, na leitura, no deleite, na angústia. Poemas que olham o quarto, a cama, a rua, o cansaço, o descanso, a caminhada, o formigueiro, a fila, o pensamento, a emoção, o café, as cruces, os sonhos, as manhãs e as manhãs e, por que não, as massas e as maçãs. Poemas feitos em casa, mas não nas coxas; poemas de casa, caseiros, com suas portas abertas à visita; poemas que são tão nossos que nos fazem sentir em casa, nos dizendo “venha, você é de casa!”.

Mas cuidado – a familiaridade tem seu preço e o cobra na obra. No interior dessa casa-mulher, há escombros, sepulturas, ódio, mas, por entre as frestas, escorre uma luz envolta em justiça, esperança, beleza. Essa casa, vale dizer, não era engraçada e continua sem teto, sem nada, só pedra – é uma casa do oracular tempo da poesia que se molda numa riqueza sem opulência para se igualar à temeridade e sujidade das horas atuais. É beleza na feiura em que as coisas se tornaram, é – saramaguianamente falando – “a responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam”.

Os poemas são, ao fim e ao cabo, sobre o tempo. Tempo de transbordar literatura, de abraçar o cacto e ser flor, de sobreviver às chamas das ambições, de estender a mão para tocar a cor do outro, de aprender a jogar o carteadado da vida, de costurar vestido colorido de despedida, de ouvir a sinfonia do “re”: reinventar(-se), rememorar, reescrever, de aprender a calcular o sentido da vida, de retomar, agora, as águas passadas e ressignificá-las, de falar de amor como quem lava e livra, burila a pedra e a torna joia, de conjugar o verbo olhar-encontra-olhar-e-meu-dia-começa-bem, de (se) libertar, pela arte, da sede, de lutar com bandeira em riste contra as opressões, de salvar a Terra pensando, de sorrir de alegria e surpresa diante do Jardim de Delícias, de abrir a caixa de milagres que carregamos nos cantos escondidos de nós, de inventar sólidas esperanças, de usar máscaras, mas não de se mascarar, de atravessar bravamente, sob luz amarela, a esquina do medo, de acordar Quixotes para que o mundo não morra, de observar as pontes e os moinhos concretos ou não, de colar cacos de esperança no colar do cotidiano, de enfrentar as gentes indesejadas, de apunhalar o ovo em busca do sim, de mutilar as mãos para não juntá-las em falsas orações, de salvar Cristo das novas cruzes, de fazer girar a vida mumificada no esquecimento, de homenagear, consolar, vivificar outrens que são parte de nós, de se

sentir metonímia do mundo, de ver suaves rosas multiplicadas no amor entre iguais que ousa dizer seu nome, de ser o vencedor da morte pela trama mais comum, clichê, corriqueira e mais difícil: o Amor.

É, como se vê/lê, tempo de ação entre a sorte e a morte.

Em um de seus poemas mais célebres, o velho Charles Bukowski diz que é impossível vencer a morte, mas que é possível vencer a morte ao longo da vida, às vezes. Da roda dentada das dores, do labirinto das horas e da indesejada das gentes, não há como escapar. Não sem literatura. Não sem arte. Não sem tornar vida a sua vida. Não sem fugir à fria submissão. Não sem deixar que os deuses se deliciem em você. Não sem tornar o coração um risonho e vívido espectro de possíveis.

Para transgredir o estado de coisas, ficamos diante de páginas pretas de revolta e indignação como se fez preto o presente, como se fez enlutada a existência pandêmica, como se fez absurda e naturalizada a maldade. A raridade da vida (oh vida tão rara que pede mais alma e mais calma) é, neste livro, o branco das letras – de cada palavra que lambe com a serpe da língua o solo do papel – cujo brilho rasga a carne da página e penetra na sensibilidade, dizendo “eu sou vomitada estrela de mil pontas, engole-me de novo, ressuscita!”. A luz na escuridão é a mensagem de que, sim, é tempo de morangos – plantados, colhidos, tetricos até, mas vermelhos como sangue vivo que escorre entre o que é pequeno, entre a grama, entre as ranhuras dos paralelepípedos e avança o sinal de pare. Poemas de sangue, de luto e de luta, do que falta e do que falta, de uma sutil violência e de recados em garrafa naufraga: ponteiro de papel é o tempo em que se pode escrever, é o tempo que se es/ins/des/transcreve.

São 60 poemas – um para cada minuto, todos para uma hora. E a hora é agora. São para serem lidos, como se diz, numa sentada, depois é necessário se levantar, ainda que não literalmente, ou sim, e pôr as engrenagens para rodar porque passar incólume por esses textos não é uma opção. Se eles (ou algum deles) não trespassarem a derme da leitura, é um triste sinal de que a infâmia já se apossou dos sentidos, da razão, da humanidade, já se vestiu a mortalha. É sinal de que o relógio já parou, embora os ponteiros continuem trabalhando. Mas falta o essencial, e não se pode esquecer do essencial.

Christina Ramalho nos presenteia com uma poesia que se faz pedra que não medra, palavra que não se cala, vermelho que não se apaga, mensagem que se propaga, justiça que não se venda/e. Há uma força que pulsa e sangra, da qual somos chamados a participar, partilhando a centelha de Prometeu. Não é o fogo que encrespa nossas florestas, mas o que acende nossos olhos para ler e deglutir com o coração que bate no ritmo dos ponteiros. E, se tais ponteiros são brancos, quero tingi-los de vermelho, de um vermelho bem fulgurante, para sair do branco e do preto, para neles ver meu sangue junto à hemorragia social nesse tecido em que a dor de um não pode senão ser de todos uns que somos nós – brancos, pretos, vermelhos, iguais.

### **Éverton Santos**

Mestre e Doutorando em Estudos Literários (PPGL/UFS)



Do calendário como um demônio, já nos viera o alerta (Blanchot).

Do relógio como um inferno, já nos viera a certeza (Cortázar).

Do quarto como labirinto, já nos viera o eterno (Borges).

Hoje, nos ponteiros de 2020, vem-nos a esperança de uma prece, nestes 60 movimentos que completam mais um ciclo na trajetória poético-existencial de Christina Ramalho, a nos p(r)o(f)etizar: sairemos com as vestes do tempo, mesmo que num escudo de retalhos, mas sairemos.

Obrigado, Chris,

por nos dar o futuro,

hoje.

### **Fernando de Mendonça**

Professor do Curso Letras LIBRAS da Universidade Federal de Sergipe e poeta



Christina es docente, investigadora, estudiosa de la poesía y, responsable de una vasta y versátil obra poética, que va desde poesía épica inspirada en clásicos, hasta poemas breves cuya profundidad exige un arduo trabajo de síntesis. Christina es una enamorada de la vida y me atrevo a afirmar que en su caso, el acercamiento, la justicia y el amor son la semilla de su obra, a la que se entrega con la misma pasión y sinceridad con que vive. Sus palabras en algunos casos (*Poemas Breves*) parecen brotar mínimos

en palabras y enormes en contenido, esculpiendo festivamente su poesía. En otros, (*Italo*), la entrega incondicional y apasionada desborda las palabras, o como en (*Lección de vuelo*), donde es reflexiva, femenina y contestataria.

Punteros de Papel, es producto del confinamiento pandémico, a puertas cerradas, su voz poética pasea a diario por su interior y lo que son pequeños momentos del cotidiano, pensamientos fugaces que se inician como tomas en negativos de fotografía, y que se van convirtiendo rápidamente en una profunda y sentida introspección sobre la vida, la crisis, el tiempo y la muerte, todo sin desarrollo ni salida del cuarto oscuro. Para estos negativos, ni el sistema ni las pantallas, (ladronas de sueños e inventoras de consuelos materiales) tienen respuestas.

La poeta sintetiza en líneas concretas y sensibles, una reflexión sobre este tiempo de encierro y de ausencias. La inmensidad del ser comunicativo y empático de Christina, traspasa las paredes haciendo suya la soledad y el sentir de todos. La incertidumbre pesando sobre un nuevo tiempo amenazante, sin ofertas ni respuestas, donde los seres humanos nos tornamos invisibles fantasmas, obligados a tejer mortajas para el pensamiento y para nosotros mismos; y a diario también destejerlas para guardar la esperanza de seguir teniendo la antigua posibilidad de reinventarnos.

### **Gigia Talarico**

Poeta y narradora (Chile/Bolivia)



## **Christina Ramalho: el arrebató de la depuración**

La poeta **Christina Ramalho** hace que sus versos seduzcan a los fantasmas de las palabras para revelarlos en una indiscreta epifanía en cada poema de **Ponteiros de papel**; libro escrito en portugués en el que "los poemas vigilan el sueño del gato y los secretos de la habitación". La poeta quema las imágenes de la nostalgia, del recuerdo, del ser que habita el espacio entre las paredes y el cielo para que, de sus cenizas, como el ave Fénix, esas imágenes resuciten en poemas.

El poemario está dividido en dos partes, en la primera se encuentran sesenta poemas bajo el denominativo En casa, En casa 1, En casa 2...y en la segunda parte Otros poemas. El poema para Christina es el íntimo arrebató de la depuración como se puede apreciar en: "Libertad// palabra tan amada, /ave extraña/ con plumas de rebelión" y es una sensible fibra de las raíces de la humanidad que se revela en la página como se puede leer en cada poema de la segunda parte.

Después de leer **Ponteiros de papel** compruebo que los buenos poemas no están escritos en el papel, salen de nuestros ojos y se instalan allí; porque los buenos poemas nos leen a nosotros, dicen lo que hubiéramos decir respecto a eso mismo que estamos leyendo. Christina ha cumplido con el lector, porque escribir un poema es como empeñar la palabra, el lector tiene que comprobar que el poeta cumplió con el compromiso.

## **Homero Carvalho Oliva**

Escritor boliviano



“Tenho apenas duas mãos/ e o sentimento do mundo”. Foi com a exatidão desses versos de Carlos Drummond de Andrade que terminei a leitura de *Ponteiros de papel*. A leitura dos poemas revelou-me um Eu-lírico sensível ao contexto atual do mundo. O isolamento, o distanciamento social, o “fique em casa”, tão necessários hoje, são abordados de forma delicada e sensata. Os ponteiros de um relógio marcam as horas, os minutos e os segundos, dando-nos a noção do tempo e, em meio a todo esse caos, não é rara a sensação de perder essa noção. Além disso, é possível sentir junto com o Eu-lírico todo o peso, toda a perda, toda a angústia e a frustração que nos foram abatendo ao longo do presente ano em nosso país. A leitura deste livro também convidou-me a mergulhar mais profundamente no que tenho sentido diante dessa realidade de mundo na qual me encontro e do quanto é importante a expressão diária de sentimentos aos que me cercam.

### **Juliana dos Santos Santana**

Mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS



### ***Ponteiros de papel para um mundo “sclock”***

A cidade do Mindelo, na ilha de São Vicente, Cabo Verde, situado no atlântico médio, de onde sou originário, foi uma cidade-porto que, na segunda metade do século XIX até os inícios dos anos trinta do século XX, desempenhou um papel importante na ligação entre a Europa e a América do Sul.

Os habitantes da ilha de São Vicente souberam tirar partido dessas circunstâncias e, entre outras, acabaram por desenvolver uma variedade própria da sua fala do crioulo, a sua língua materna, com a incorporação de um sem número de vocábulos, corruptelas do inglês, que, ainda hoje, usam no seu dia-a-dia. Uma dessas palavras é "sclock" vinda do inglês *o' clock* (hora certa) que, com adição de uma partícula de negação **des** (simplificado para **s**), ganhou o sentido de "não certo", "avariado", de cabeça ou doido, "fora do tempo".

Ao classificar este mundo louco e surreal que estamos a viver devido à pandemia da covid-19, que veio alterar toda a nossa vida como a havíamos estruturado antes, faço-o na minha língua materna onde melhor sinto e expresso esse estado, "mundo sclock", designação essa que atribuo a estas minhas breves notas por sugestão do título e da gravura da capa do *Ponteiros de papel*, o mais recente livro de poesia de Christina Ramalho.

Este conjunto de poemas, sob a designação "em casa" – escrito de uma forma sistemática, de 28 de Março a 30 de Julho – foram uma maneira encontrada pela autora para manter a sua sanidade mental – ficar *o'clock* – fazendo arte para driblar a obrigatoriedade de ficar em casa com "a recusa do tempo / de ser exato".

O livro *Ponteiros de papel* compõe-se de 60 poemas, organizado em quatro blocos de quinze, metaforicamente, quatro quartos de uma hora, uma unidade de medida de tempo, traduzindo-se em um poema por minuto.

E assim a Christina Ramalho vai

*costurar o tempo*  
*ponto a ponto*  
*alinhavando dúvidas*  
*perfurando o tecido*

*cosendo o medo  
da vida e da morte  
como se fizéssemos  
não nossa própria  
mortalha  
mas um vestido  
de estampa colorida  
que usaremos  
na saída  
do labirinto das horas*

Cidade da Praia (Cabo Verde), Outubro de 2020

### **Manuel Brito-Semedo**

Doutor em Antropologia, escritor cabo-verdiano



### **La estética del verso y del silencio**

En tiempos de peste, la vida se encerró en casa y el tiempo cobró otro sentido. Como otro sentido cobro el miedo, la muerte y el miedo a la vida y a la muerte.

Todo fue escatológicamente anunciado: los 19.638 casos, los 1.036 muertos, los números de cada día...

El pensamiento vuela, intenta todo y salvar al mundo adentro o afuera de la casa, no logra... No es posible. Desconsuelo total, en ese momento del tiempo, los punteros se detienen y el

pensamiento quiere ser kamikaze: el ojo llora. Se queda la conciencia de haber ido demasiado lejos. Silencio...

Búsqueda de consuelo: verso...

En *Ponteiros de papel* el flujo del tiempo, es más constatado que percibido por la poeta, desde la emoción simbólica y del sentido del otro, en una fusión de tristeza e impotencia ante el quiebre del mundo y de la vida misma.

Ante la fragmentación, la poeta hace un esfuerzo descomunal de recoger y colar los guijos de esperanza, para lograr sobrevivir y ser voz del otro, de aquél que está invisibilizado, por ser contabilizado como un número, por usar un barbijo, por el dolor de no poder decir...

Además, la poeta tiene el privilegio de ser perceptiva, permeable y sensible a pérdidas y tragedias, esto es, tiene el privilegio de ser genuinamente humana.

La poesía, en *Ponteiros de papel*, se presenta como un ejercicio del pensamiento, generadora de ideas y da testimonio de nuestro tiempo, cavila el estado de la condición humana en varios planos.

Por medio del verso y del silencio, la poeta comunica su visión personal del mundo, de una manera profunda, abarcando la totalidad de la vida: suya y ajena.

Christina Ramalho, habitante del tiempo sufriendo la agonía, por percibir la existencia de los humanos detrás de los números, detrás de las máscaras, sufriendo la angustia de respirar cuando el aire se agota, segundo a segundo para el otro; escribe su diario en verso, en poema que, igual que el tiempo existirá a partir de un observador, si no hay observador el tiempo no existe.

En su caso el poema está destinado a perdurar y a contar la historia triste de esta época de mucho dolor, a través de la estética del verso y del silencio, en la voz, ya universal, de Christina Ramalho.

**Márcia Batista Ramos**

Escritora brasileira radicada há 25 anos na Bolívia



*Ponteiros de papel*, o novo livro de poemas de Christina Ramalho, tem como matéria prima o tempo, a morte e a vida. O contexto é o calendário de 2020, um ano marcado pela pandemia que devia nos fazer mudar a perspectiva sobre o mundo. Mas se todos os esforços são no sentido de uma volta à normalidade consumista, acelerada e injusta, o tempo da poesia proposto por Christina desloca nossa sensibilidade para um novo aprendizado. Estamos diante de uma espécie de diário poético da quarentena que começa no entremeio entre o verão e outono, atravessa o inverno e chega à estação das flores. Mas sobre o tempo cronológico corre, em outro ritmo, o tempo das significações.

A maturidade poética de Christina se faz ver na habilidade no manuseio da linguagem e no ritmo, escapando aos excessos e revelando a contemporaneidade do poema no atual estado de coisas. A consequência é a identificação com os signos familiares revelados nos versos. A casa, teto, abrigo, água para a sede onde descobrimos ternura, reinventamos palavras. “No casulo/ando fazer voar/borboletas.

Em abril, a brisa que sopra na solar Aracaju, terra escolhida por Christina para viver, traz ecos de Manuel Bandeira. Quando a indesejada das gentes chegar nos encontrará num baile de máscaras sem carnaval. Há uma dupla dimensão na relação com a morte. A consciência da finitude e da fragilidade humana revelada pelo vírus cujo avesso é a potência da vida e a revolta contra o estado de coisas, da morte banalizada nas estatísticas e irresponsabilidades cuja reação é a revolta.

Densidade e lirismo se equilibram numa espécie de pêndulo entre os afetos e o contexto político. A doença como metáfora das injustiças sociais e daqueles que usam em vão os símbolos cristãos para propagar a necropolítica. “Perdemos todos/ nessa demora/para entender/ que mais que sorte/ é preciso amor/ para entender a morte”.

Impossível não encontrar a indignação em vidas que são economia, comorbidades, signos que saltam do noticiário para nossa intimidade. A dor se revela nos amigos perdidos para a doença. “O Brasil foi um país/hoje é uma mortalha.” É preciso escrever um poema sobre a revolta. Agosto ia adiantado.

Os ares de setembro lançam o germe de uma nova esperança. “Ponteiros de papel” traz outros poemas da lavra recente de Christina. Encerramos com a potência metalinguística da poesia. A pedra como metáfora Drummoniana-Jobiniana, pau e pedra, passo e ponte, antes que seja tarde para palavra “Amanhã. Essa poesia do tempo presente, dos homens presentes é artigo tão raro quanto necessário. Obrigado Christina.

### **Pedro Varoni**

Jornalista, Doutor em Linguística pela UFSCar, editor do Observatório da Imprensa e autor de *A Voz que fala na Voz que Canta: Poética e Política na trajetória de Gilberto Gil*.



O tempo da poesia é outro. Ele vai se enredando em seus ponteiros de papel. O tempo da poesia é tudo aquilo que nos atinge por todos os lados, como um trauma, que se repete sem notarmos.

Também o espaço da poesia é outro. Uma casa não é só uma casa: se para muitos uma prisão, para a poeta é o lugar da invenção, da possibilidade, do enfrentamento à morte:

" no casulo/ ando fazendo voar/ borboletas"

Um livro, uma casa e nosso país: todos um casulo de pedra. Aqui dentro, como forma de resistir, viver e inventar, iluminar a caverna, acender uma vela, desenhar borboletas na parede. Convocar o amor.

A poesia de 2020 está mergulhada no luto, mas também na esperança. Se nos dão páginas de silêncio e escuridão, respondemos com luz e fogo. Escrevemos a História na possibilidade da queda e do voo.

Daí que me chega esse livro quando mais preciso dele: lendo os poemas, chorando por me sentir afetada, lembrando de todos os momentos que olhei pela janela, que escrevi, que li outras pessoas, que abri o noticiário, que me senti sufocada, que abracei meu companheiro, que liguei para minha mãe, que lembrei de um momento ou outro que andava pela rua com o vento no rosto.

A poesia da Chris tem um quê de encantamento, outro quê de resistência, um luto necessário, mas todo o amor e vida de que precisamos. É um livro preciso.

Obrigada, Chris, por acender palavras. Tem faltado muita luz aqui em casa, e com essa vela consigo reunir as borboletas.

### **Priscila Branco**

Escritora e poeta, pesquisadora de poesia brasileira escrita por mulheres, editora e curadora da *Revista Toró*



*Ponteiros de papel* é a sensibilidade às dores do mundo – as atuais e as de sempre –, e consta de sessenta poemas temáticos, acrescidos da seção “Outros”, cuja fina leitura recai em seis poemas de encantamento.

*Ponteiros de papel* marca a escrita do tempo. Memória de uma dor que é o agora, mas também é o depois. É o agora, por ser dor presente. É o depois, por ser sempre dor. *Ponteiros de papel* é rabisco, traço de dor e medo. Medo de toda hora, medo de qualquer hora, aquele da “recusa do tempo/ de ser exato” (Em casa 1), porque o tempo exato pode ser o da fatalidade. Para vencê-lo, só a poesia de dentro, o poema que comemos em porções de nutrição de cada dia.

O tempo em *Ponteiros de papel* encontra ecos no Manuel Bandeira de “Consoada”, já que é tempo de mesas postas/ à indesejada das gentes/ tempo de um novo tempo/ que chegou de repente. (Em casa 13). Tempo sem escapatória. Na verdade, ninguém a ele escapa, mas este é tempo novo que chegou junto à companheira mais inseparável como em indecifrável e inviolável pacto. Tempo/morte de enorme força.

Em *Ponteiros de papel* a escrita/o escrito, é sanha para dizer. Grito contra um tempo que se faz de maciez tão branda que é necessário dizer quanto antes. E ao tempo se enfrenta com palavras. Elas dobram-no, porque somente elas resistem. Tempo! Só a palavra-poesia a lhe afrontar, embora, inglório embate do homem-pó. Palavra-poesia que coloca “o mundo/ na ponta do lápis/ nas tramas do pincel/ nos sons/ nas palavras/ escritas no papel”. (Em casa 9).

*Ponteiros de papel* é a escrita/o escrito na pedra. Mineral. O emblemático da pedra que testemunha os anos, os tempos, a memória, os homens. A escrita na pedra eterniza o para sempre desta humanidade tão mortal e frágil, tão atirada e medrosa. A escrita na pedra que comporta um Bandeira com suas dores do tempo, mas também com suas “ternuras mais fundas”. Que torna possível um Drummond, a partir de quem “cabe o meio do caminho/ o não saber ficar ou ir/ cabe o medo do futuro/ e o passado indesejado” (Em casa 23), já que as angústias deste agora nos impulsionam incertezas medonhas: o não saber do hoje. O medo do drama que será o passado. E o momento não nos permite ser gauche: o sorrateiro que há no tempo-morte/tempo de morte nos tolhe.

Medo. Tempos de medo. Relógio que corre. Ponteiros que se cruzam (não deviam). Horas certas/incertas a nos aproximar do pavor e da iminência de escuridão final. Ponteiros que nos prendem ao fitar das horas, ao temor do que não sabemos se virá agora ou depois, mas que pode vir a qualquer instante. Terrível angústia! Inda bem, duas grandes irmãs nos salvam: a liberdade e a palavra, no entanto, para alcançá-las há apenas uma senha, a rebeldia: “Liberdade/ palavra tão cara/ ave rara/ asa com penas/ de rebelião” (Em casa 60).

As dores deste conjunto de poemas não são pequenas e por isso, nos contorcem. Entretanto, o prazer de lê-los nos alinha e empertiga. Canto à libertação, embora, as aflições, mas estas, de algum modo, são asas à liberdade a que tanto almejamos. Há palavra-poesia em *Ponteiros de papel*. Há vida em *Ponteiros de papel*, porque há poesia em todas as amarguras da humanidade.

**Simão Pedro dos Santos (Pedro Pernambuco)**

Professor do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco, campus Petrolina



A poesia iluminada e, diria também indignada, de Christina Ramalho atravessou gloriosamente o imenso atlântico e veio poisar no colo ávido das ilhas afortunadas. Ela envolveu-me no perfume por vezes suave, por vezes agridoce que exala da delicada filigrana das palavras com que ela tece seus sentimentos, medos e obsessões mais profundos...

Só posso assim dizer obrigada por esses versos túrgidos, que fazem aflorar um sorriso com lágrimas em meu rosto, enquanto o meu espírito se delicia nesse encontro de almas andarilhas que só a poesia pode proporcionar.

Teu grito encontrou eco na pandemia que nos exaure e de joelhos comungo contigo que *... mais que sorte, é preciso amor, para vencer a morte.*

**Vera Duarte**

Escritora cabo-verdiana



Christina Bielinski Ramalho é intelectual da pesada. E, conhecendo a poesia do Brasil e do mundo na intimidade, também a escreve – porque sente que falta algo no que lê, ou não se atreveria. E, se “mescla o Tejo ao Amazonas”, se deita na folha “palavra por palavra a geometria inútil de um sentimento”, também percebe que Liberdade é ave rara, “asa com penas de rebelião”. Daí que, num tempo em que parecemos agonizar a olhos vistos, manda que se olhe o aviso do fósforo queimado, em que “não há mais fogo nem Prometeu”, e antecipa: “o mundo morreu”. Christina Bielinski Ramalho é poeta. Da pesada.

### **W. J. Solha**

Escritor e artista plástico





Christina Ramalho é carioca e sergipana. Doutora em Letras (UFRJ, 2004), com pós-doutorado em Estudos Cabo-Verdianos (USP/FAPESP, 2012) e em Estudos Épicos (Université Clermont-Auvergne, 2017), é professora-associada de Teoria Literária e Literatura Brasileira da Universidade Federal de Sergipe, onde também atua no Programa de Pós-Graduação em Letras e no Programa de Mestrado Profissional em Letras da UFS, dedicando-se, na pesquisa, principalmente, aos estudos épicos e ao ensino de poesia. É autora e organizadora de diversas obras de teoria, historiografia e crítica literária e editora-chefe da *Revista Épicas*. Em 2015 foi jurada do prêmio Jabuti na categoria “contos e crônicas”. É membro honorário da Academia Cabo-Verdiana de Letras e membro da Associação Portuguesa de Escritores (APE). Em Literatura, publicou *Poemas de Danda & Chris* (poemas para crianças, 2020), *Lição de voar* (poemas, 2019), *Poemas mínimos* (2019), *fio de teNsão* (2018), *Ítalo* (poemas e crônicas, 2018), *Catimbó* (crônicas reunidas, 2018), *Dança no espelho* (contos, 2005 e 2018), *Laço e nó* (poemas, 2000) e *Musa Carmesim* (poema épico, 1998). Realizou diversas exposições nacionais e internacionais de pintura e fotopoesia. É membro do grupo musical *Acrópole*, sendo autora de diversas letras de canções.

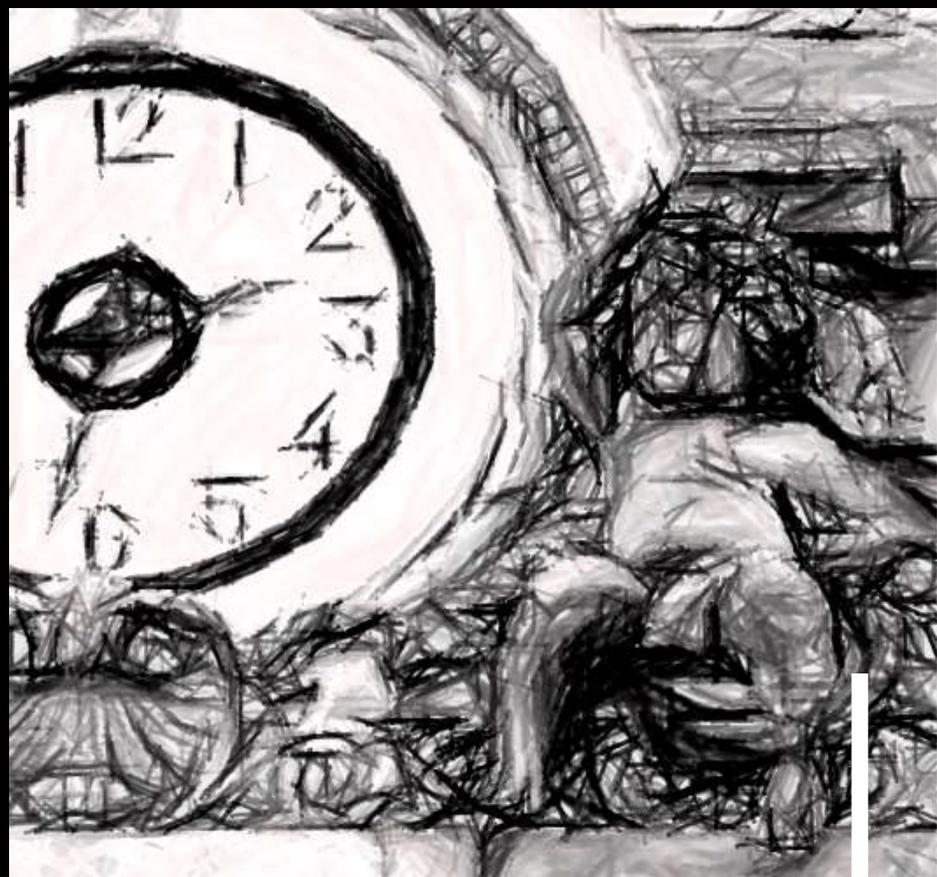
Site: miXturas ([www.ramalhochris.com](http://www.ramalhochris.com)).

Canal *Acrópole*:

<https://www.youtube.com/channel/UCrb6-arzs1EgP4wSetZoE1w>.

E-mail: [ramalhochris@hotmail.com](mailto:ramalhochris@hotmail.com)

~~2020~~



**Lucigraf**  
FERTILISAZIONE AFRICA